
OS 13 PORQUÊS: GATILHOS PARA O SUICÍDIO NO CONTEXTO ESCOLAR

13 REASONS WHY: TRIGGERS TO SUICIDE IN SCHOOL CONTEXT

Wudson Marcos Sena de Lima ⁹

RESUMO

Este artigo aborda potenciais gatilhos para o suicídio no contexto escolar, evidenciados no livro de ficção *Os 13 Porquês* (2009), de Jay Asher. A personagem principal, Hannah Baker, é uma aluna do ensino médio que se mata deixando sete fitas cassete gravadas. Nestas fitas, a jovem relata uma série de acontecimentos, cujas ações de várias pessoas em seu ambiente escolar teriam, segundo ela, motivado sua morte. A partir da narrativa, pode-se apontar possíveis fatores que induzem o suicídio de adolescentes em contextos semelhantes. Há aplicações possíveis para a realidade dos estudantes brasileiros. Tanto estudantes quanto educadores devem observar, com sensibilidade e autocritica, a dinâmica escolar, identificando fatores constantemente acionados nos discursos de ideações e práticas suicidas. A proposta é que estratégias de prevenção sejam pensadas a partir da análise do caso de Hannah Baker.

Palavras-chave: Os 13 Porquês. Suicídio. Contexto escolar.

ABSTRACT

This article approaches potential triggers to suicide in school context, pointed on the novel *13 Reasons Why* (2009), by Jay Asher. The main character, Hannah Baker, is a high school student who commits suicide leaving behind seven recorded cassette tapes. On these tapes the teenager tells a series of experiences, where actions from various people in your school environment would have, according to her, motivated your death. From the narrative, it can be pointed possible factors that provokes suicide on teenagers in similar contexts. There are potentials applications to brazilians students' reality. Both students and educators must observe, with sensibility and self-criticism, the school dynamic, identifying elements constantly present on speeches of suicidal ideation and practice. The propose is to think in prevential strategis from the case analysis of Hannah Baker.

Keywords: 13 reasons why. Suicide. School context

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa as causas do suicídio de Hannah Baker, personagem central do livro de ficção *Os 13 Porquês* (2009)¹⁰, de Jay Asher¹¹, a partir da perspectiva de educador, valorizando diálogos de proximidade com os alunos. Todas as questões abordadas na obra

⁹ Faculdade Dom Alberto (wudsonmarcos@gmail.com).

¹⁰ Não há aqui o objetivo de discutir o conteúdo da série de mesmo nome exibida pelo serviço de *streaming Netflix*. A abordagem tem como base apenas o que se encontra no livro de Asher.

¹¹ Autor estadunidense, nascido em 1975 na cidade de Arcadia, Califórnia. Seus trabalhos consistem, principalmente, em romances adolescentes. *Thirteen Reasons why* (2007) é seu livro de estreia, cujo sucesso o fez alcançar o primeiro lugar no *New York Times* como *bestseller* em Julho de 2011.

acontecem no contexto escolar, seja no prédio da instituição ou em eventos externos com a presença de outros alunos.

Hannah Baker comete suicídio por overdose de comprimidos, deixando gravadas sete fitas cassete¹², como uma *nota de suicídio*¹³. Nelas Hannah grava áudios explicando os motivos de ter se matado. O âmago de cada *porquê* são as ações de treze pessoas. Nas seis primeiras fitas há uma história no lado A e outra no lado B. A sétima fala apenas sobre uma pessoa – o Orientador Escolar. Todos os participantes das narrativas estudam na mesma escola que ela. Com exceção do último, que é um educador. Portanto, os treze participam do contexto escolar da protagonista.

Os capítulos do livro são divididos conforme cada lado das fitas são ouvidas por Clay Jensen, outro adolescente, colega da Hannah. Neste artigo, porém, a história será desenvolvida sem essa demarcação das gravações. De modo que o foco do presente texto se encontre nos acontecimentos e não na estética da reprodução dos áudios.

Segundo a Organização Mundial da saúde (OMS)¹⁴, uma pessoa comete suicídio a cada 40 segundos. Aos 14 anos de idade é quando, na maior parte dos casos, começam a se manifestar as doenças e transtornos mentais que, muitas vezes, levam ao suicídio. Entre adolescentes e jovens, de 15 a 29 anos, esta é a segunda maior causa de morte no mundo, perdendo apenas para acidentes de trânsito. No Brasil, entre 2011 e 2018, 43.927 estudantes de ensino médio cometeram suicídio, conforme o Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde (2019).

A partir da referida obra, este trabalho pretende refletir sobre a experiência de estudantes do ensino médio, já que é possível identificar, nesse contexto específico, vários gatilhos para o suicídio. Entende-se aqui por “gatilho” fatos que incentivam o ato de tirar a própria vida. Na história, desenvolvida em uma cidade fictícia nos Estados Unidos, pode-se encontrar, guardadas as devidas especificidades, características que fazem parte do contexto adolescente em geral. Por isso, há aqui aplicações à realidade estudantil brasileira.

Além do livro *Os 13 Porquês*, outros textos foram usados como referência. Textos que tratam dos temas específicos abordados ao longo do artigo como, por exemplo, objetificação

¹² Até o final dos anos 90 esse tipo de mídia era muito comum. Principalmente para ouvir e gravar músicas. Para escutar o álbum completo de uma banda, por exemplo, tinham que ouvir uma parte das canções reproduzindo um lado da fita em um aparelho de som. Depois tinham que trocá-la de lado para ouvir a outra parte.

¹³ Embora a história aconteça em 2007, o autor opta pelo uso das fitas cassete. Entende-se por *nota de suicídio* qualquer conteúdo deixado por uma pessoa que se matou, onde constam suas explicações a respeito dos motivos que a levaram a suicidar-se. Comumente encontra-se em tais registros relatos de sofrimentos não revelados enquanto a pessoa estava viva.

¹⁴ Fonte: <<https://nacoesunidas.org/>> Acesso em 03 de dezembro de 2019.

do corpo feminino, estupro, o papel dos educadores na formação socioemocional dos estudantes, *bullying* e o esforço dramático para a manutenção da popularidade.

É urgente falar sobre suicídio no contexto escolar. Muitas vezes não se percebe que esse ambiente, que deveria dar ao aluno a sensação de acolhimento, pode lhes causar o efeito contrário – angústia¹⁵ e rejeição. Por isso deve-se identificar quando educadores e estudantes acionam tais gatilhos. Assim será possível investir em projetos para melhorias nos aspectos socioemocionais no contexto escolar.

UM BOATO BASEADO NUM BEIJO

Hannah Baker começa contando sobre o seu primeiro beijo. O momento tão esperado aconteceu com um garoto de quem ela gostava: Justin Foley, cujo interesse aparentava ser recíproco. Após seguir a dica da mãe, com a clássica sugestão de fazer-se de difícil para atrair a pessoa amada, ela torce para que ele se aproxime mais. Até que finalmente Justin pede o seu contato.

Eles combinam de se encontrar no Parque Eisenhower, onde havia um escorregador em formato de foguete: “[...] nos meus sonhos, meu primeiro beijo acontecia no foguete. Ele trazia uma lembrança de inocência. E eu queria que meu primeiro beijo fosse exatamente assim. Inocente” (ASHER, 2009, p. 26).

Aconteceu exatamente como ela desejava.

Eu estava tão ansiosa a respeito de que tipo de beijo seria [...] e acabou sendo do tipo lindo. Você não enfiou a língua na minha garganta. Você não agarrou minha bunda. Nós simplesmente juntamos os lábios...e nos beijamos (ASHER, 2009, p. 29).

Mas o que Justin espalhou por toda a escola foi que os “amassos” tinham sido muito mais intensos. A partir desse boato Hannah começou a ficar com má fama, conforme a fala da própria personagem:

Eu sei o que vocês estão pensando. Hannah Baker é uma piranha [...] Hannah Baker não é, nem nunca foi uma piranha. O que nos leva à seguinte questão: O que foi que vocês ouviram dizer? Eu só queria um beijo. Eu era uma garota do primeiro ano que nunca tinha sido beijada. Nunca. Mas eu gostava de um garoto, ele gostava de mim, e eu ia beijá-lo. A história – toda a história – é essa aí (ASHER, 2009, p. 24-25).

¹⁵ Conforme o conceito heideggeriano, Angústia é a constatação da pessoa de que ela existe para a morte. Ao identificar esse fato inevitável, ao perceber-se como um ser-para-a-morte, o indivíduo sente intensamente a solidão de ser ele mesmo. Isso porque, diante da presença da morte em seu ser, todos os dias, o próprio fato de existir torna-se perturbador (HEIDEGGER, 2009).

Nesse caso podemos notar como o machismo está presente nas escolas. Os adolescentes, geralmente, crescem sendo ensinados que os homens devem ser “predadores”, “pegando” um monte de meninas.¹⁶ Este é um dos motivos principais pelos quais mentem e aumentam absurdamente os detalhes das “ficadas”. Querem ganhar popularidade e, muitas vezes, conseguem. As meninas, que, supostamente, participaram das experiências sexuais narradas, são objetificadas¹⁷ e ficam com “fama de puta”.

Podemos notar uma contradição. Se Justin e Hannah haviam participado de uma mesma experiência, por que só ela ficou mal vista? Novamente a resposta está no machismo. Um mesmo acontecimento tem dois pesos e duas medidas. Enquanto o garoto usa a história inventada e consegue ser exaltado por isso, ela é vista como uma pessoa suja, com base na mesmíssima narrativa. E foi a partir desta mentira, incentivada pela busca do *status* de “macho pegador”, que começou o que Hannah chama de “efeito bola de neve” (ASHER, 2009, p. 30).

A MELHOR NÁDEGA DO 1º ANO

Assim como Hannah, Alex Standall e Jessica Daves eram novos na cidade. Os três se conheceram em um lugar chamado *Monet's Café*. Se encontravam constantemente e se agradavam das conversas e da companhia mútua. Mas, aos poucos, os assuntos se tornaram superficiais e eles se afastaram. Primeiro Alex, depois Jessica, sendo que os dois, por um tempo, foram “ficantes”.

Um dia na sala de aula, para de alguma forma se vingar pelo fato de Jessica ter se afastado dele, Alex faz uma lista com duas colunas: quem é gostosa / quem não é. Hannah faz parte da primeira coluna e Jessica da segunda. Hannah também recebe o título de “melhor bunda do primeiro ano”. Jessica, enciumada, chama a vencedora do “concurso” para tirar satisfação, culpando-a pelo término com Alex. A discussão chegou a tal ponto que Jessica deu um tapa no rosto da Hannah, deixando uma cicatriz em sua sobrancelha.

¹⁶ A escola costuma reproduzir os padrões sociais dominantes, pelos quais meninos e meninas são classificados de acordo com o sexo biológico. As regras de comportamento são determinadas a partir de concepções morais historicamente definidas. Os meninos podem ser bagunceiros e têm liberdade para beijar e transar mais cedo e com várias pessoas. Enquanto isso, as meninas devem ser recatadas. Se tentarem ter um pouco mais de liberdade e independência em relação aos relacionamentos afetivos e sexuais, são classificadas como provocadoras, “putas” (SOUZA, 2015).

¹⁷ “A objetificação, termo cunhado no início dos anos 70, consiste em analisar um indivíduo a nível de objeto, sem considerar seu emocional ou psicológico” (BELMIRO et. al. 2015, p. 02).

Neste tapa podemos ver mais gatilhos para o autoaniquilamento¹⁸: a agressão física e as crises com colegas de sala. Não foi usada a expressão “amigos de sala” porque Hannah não considerava ter nenhuma amizade. Mas, se já são grandes os estragos causados pela destruição de uma relação entre colegas, imagine o que crises entre amigos mais próximos causam nos estudantes. Como disse Giordano Bruno: “A visão de um amigo pode provocar em nós arrepios bem característicos, pois nenhum inimigo pode levar dentro de si coisas tão terríveis como ele” (BONHOEFFER, 2015, p. 503 *apud* DILTHEY, 1907, p. 341).

Tanto a falta de amizade quanto o rompimento de relações promissoras causam o aumento da angústia. Há muitos alunos que se sentem sozinhos. Às vezes, quando começam a desenvolver relações mais sólidas, de repente, tudo é despedaçado. É como se o pouco tempo de alegria pela amizade servisse principalmente para gerar frustração, aumentando a sensação de solidão. E certas cicatrizes nunca desaparecem.

Jessica, minha florzinha. Eu adoraria saber se você se arrastou até meu funeral. E, se fez isso, reparou na cicatriz? E vocês – o resto – repararam nas cicatrizes que deixaram para trás? Não. Provavelmente não [...] porque a maioria delas não pode ser vista a olho nu (ASHER, 2009, p. 61).

A lista de Alex não causou apenas um desentendimento entre duas colegas. Também serviu de pretexto para um abuso sexual. O abuso sexual não consiste somente no ato da penetração não consentida, mas sim em qualquer “[...] atentado ao direito que todo indivíduo tem de propriedade sobre seu corpo” (GABEL, 1997, p. 10). Ao objetificar Hannah, o autor da “lista de gostosas e não gostosas” reforçou a ideia, comumente difundida pelo discurso machista, de que o corpo feminino existe com a principal finalidade de satisfazer o tesão masculino. Nas palavras de Hannah, “isso dá às pessoas – algumas pessoas – sinal verde para lhe tratar como se você não fosse nada além daquela parte específica do corpo” (ASHER, 2009, p. 41).

Posterior a propagação da lista, enquanto Hannah estava na fila do caixa em uma loja de doces, um aluno de sua escola aproximou-se. Ele a observou maliciosamente e com “uma mão em concha deu uma palmada na minha bunda” (ASHER, 2009, p. 44).

O abuso sexual é um tipo de consumação da ideia de que o corpo alheio, na verdade, é apenas um objeto para o uso arbitrário do abusador. Isso destrói a vítima, fazendo com que se veja como um corpo sem autonomia e desumanizado.

¹⁸ A consolidação do termo “suicídio” ocorreu apenas no século XVII. O termo vem do latim *sui* (próprio) e *caedere* (matar). Antes disso era mais comum o uso de palavras como “autoaniquilamento” para se referir ao ato de tirar a própria vida (ANDRÉ, 2018).

INVASÃO DE PRIVACIDADE E ESFORÇO DRAMÁTICO PARA MANTER O STATUS DE POPULARIDADE

Tyler Down faz parte da equipe de produção do álbum anual da escola. Por isso, tem um excelente equipamento fotográfico. Pela janela do quarto da Hannah, ele a olha e fotografa suas atividades no lugar em que ela deveria ter privacidade.

Uma noite Hannah ouve o *click* da máquina de seu *voyeur*¹⁹. Perturbada e tremendo, a jovem se veste por debaixo da coberta com medo se expor.

Então, pra início de conversa, por que foi tão fácil para Tyler enxergar dentro do meu quarto? É isso que vocês estão perguntando? Se eu sempre durmo com as persianas abertas? Boa pergunta para vocês que gostam de pôr a culpa na vítima (ASHER, 2009, p. 72).

No último trecho da citação acima a jovem menciona uma prática comum: culpar a vítima por aquilo que ela sofreu²⁰. Talvez o leitor esteja pensando: “Mas, afinal, por que ela deixava as janelas abertas? Ainda mais à noite!” Aqui está a típica indagação da cultura de culpabilização da vítima, citada pela própria Hannah Baker.

Invadir a privacidade alheia é uma violação a um direito humano²¹, podendo haver consequências emocionais e sociais à vítima. A mais evidente, na narrativa aqui representada, é a perda da liberdade. Hannah teve de se submeter a métodos de autoprivação, como trocar de roupa embaixo das cobertas, para que não fosse exposta aos olhos e à câmera de Tyler.

Os esforços para manter a segurança e proteger a privacidade passam a ser mais exigidos do que a ética de não invadir a intimidade do outro. E isso está arraigado no inconsciente coletivo²², de modo que o direito à liberdade converte-se em *descuidos chamativos para que outro possa violar sua vida*.

Essa perda da liberdade ocorre nas escolas brasileiras, muitas vezes, de maneira imperceptível. Por exemplo, é muito comum os meninos tirarem a camiseta para jogar futebol.

¹⁹ *Voyeur* é uma palavra francesa que significa “aquele que vê”. Refere-se a quem sente prazer, sobretudo sexual, observando a intimidade alheia. É comum que o *voyeur* registre sua invasão de privacidade com vídeos e/ou fotografias (SILVA, 2014, p. 01).

²⁰ De acordo com o *Canadian Resource Centre For Victims of Crime* (2009) costuma-se culpar a vítima de um crime afirmando que seu comportamento e/ou o ambiente proporcionado por ela provocou o acontecimento em questão. Assim o foco sai do amparo ao sofrimento da pessoa, passando de vítima a réu (SOMMACAL e TAGLIARI, 2017).

²¹ O direito à privacidade consta no Artigo 12 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada em 1948. Segundo a declaração “Ninguém será sujeito a interferências em sua vida privada, em sua família, em seu lar ou em sua correspondência, nem a ataques à sua honra e reputação”. Fonte: <<https://nacoesunidas.org/artigo-12-direito-a-privacidade/>> Acesso em 06 de dezembro de 2019.

²² “O inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado. Ele consiste de formas preexistentes, arquétipos, que só secundariamente podem tornar-se conscientes, conferindo uma forma definida aos conteúdos da consciência” (JUNG, 2002, p. 54).

Mas, em muitas instituições, é proibido que meninas usem shorts curtos. O que está implícito é a ideia de que os homens não conseguem controlar seus instintos sexuais. Por isso as mulheres não devem “provocá-los”. Mas os garotos podem mostrar livremente a maior parte de seus corpos. Por quê? As meninas não podem sentir atração pelo corpo masculino? E se sentem, só elas devem reprimir seus desejos, enquanto os meninos são tratados como seres que podem perder o controle? É apenas um exemplo da desigualdade de tratamento em relação aos gêneros que contribui para a destruição da estabilidade mental/emocional de ambos os sexos.

No dia seguinte ao acontecimento da janela, Hannah precisava desabafar com alguém. Então falou com Courtney Crimsen, uma garota popular, com fama de ser “super legal”. Ao saber de Tyler espionando o quarto de Hannah, Courtney ficou excitada com a ideia de ser observada por um *voyeur*. Hannah aproveitou o entusiasmo da colega com o intuito de se aproximarem. Por isso a chamou para dormir em sua casa para tentarem pegar o garoto em flagrante.

Para atrair Tyler, Courtney teve a ideia de “simular” uma interação erótica entre as duas. Com este fim, decidiram massagear uma a outra, utilizando uma linguagem sedutora. Courtney também começou a olhar para as gavetas da anfitriã, falando sobre brinquedos sexuais, como se eles estivessem ali. Mas, na verdade, não havia nenhum objeto deste tipo. Hannah entrou no clima da “brincadeira”, para poder atrair e desmascarar quem estava invadindo sua privacidade. No entanto, quando mudaram de atividade abruptamente e tentaram conhecer o rosto do *voyeur*, ele correu e não conseguiram identificá-lo. Mesmo assim Courtney conseguiu fazer a seguinte constatação: “Ai meu Deus [...] Ele está enfiando o pinto dentro da calça” (ASHER, 2009, p. 78).

No outro dia, na escola, Hannah, jogando indiretas a Tyler, conseguiu confirmar que era ele quem as observa na noite anterior. No entanto, o garoto só teve certeza de que ela conhecia sua identidade quando a ouviu dizer nas fitas. Ela deixou bem claro que ele não estava tão escondido quanto pensava e que suas atitudes a prejudicaram muito.

Compartilhar com Courtney uma questão íntima de sua vida, no caso a suspeita de que era vigiada, foi uma tentativa de Hannah para estabelecer uma nova amizade. Aparentemente, a interação das duas fluía muito bem. Mas as coisas não aconteceram como o esperado. Todos os dias Courtney desviava o olhar e pronunciava palavras superficiais a ela. Aquela que parecia ser uma amiga em potencial, era o símbolo do exibicionismo. Courtney inventou que a colega possuía brinquedos sexuais e, que quando dormiu em sua casa, teve acesso a eles. Courtney não tinha escrúpulos para manter seu *status* de popularidade – de pessoa amada por todos.

Alguns indivíduos se destacam no esforço dramático para manter a aparência de perfeição e notoriedade. Isso é ainda mais evidente com o uso frenético das redes sociais. Mesmo que alguns se sobressaíam, o desejo de popularidade não está apenas em alguns, mas na maior parte das pessoas (FROMM, 1987). Courtney acionou um gatilho em Hannah quando a manipulou para manter sua pose. Muitos, no dia a dia escolar, às vezes sem perceber, fazem o mesmo.

E SE UMA DAS ALUNAS NUNCA MAIS VOLTASSE?

Havia na escola um teste anual organizado pelas líderes de torcida. Chamava-se “Oh querido namorado”. Era uma interação parecida com a que acontece no *Tinder*²³. A pessoa preenche seus dados, gostos e características e, de acordo com a compatibilidade, tem acesso a outros perfis de pessoas que lhes correspondam.

Por intermédio desses testes, Hannah marca um encontro com Marcus Cooley. Hannah, como outros alunos, havia participado dos testes despreziosamente, apenas para se divertir. Mas, apesar de estar desconfiada do caráter do Marcus, resolveu dar uma chance a ele. Além disso estava cansada de ser julgada com base em boatos. Ela queria que a conhecessem, que a tratassem pelo que era de verdade. Por isso disse: “Se eu quisesse que as pessoas me tratassem dessa maneira, teria que fazer o mesmo com elas, certo?” (ASHER, 2009, p. 117).

O garoto chegou meia hora atrasado e aquilo foi constrangedor para ela, pois, enquanto esperava, teve de ficar sozinha na presença de desconhecidos. Mesmo assim, quando Marcus chegou, eles se divertiram, pois, segundo Hannah, o jovem era bastante engraçado. Não demorou muito para o encontro ficar desconfortável. Marcus começou a passar a mão em suas pernas. Mesmo pedindo para que parasse, ele não parou. Para tornar a situação ainda mais nojenta, alguns amigos de Marcus observavam a cena.

Ele a usou como um objeto para satisfazer seus desejos, queria exibir o seu feito como um troféu. A garota o empurrou. Ele gritou com ela, chamando-a de “provocadora”. Enquanto Marcus ia embora, Hannah permaneceu na mesa, sem reação, desolada. Depois de mais um fato abominável, sua aflição foi aprofundada: “Decidi que ia descobrir como as pessoas na escola reagiriam se uma das alunas nunca mais voltasse” (ASHER, 2009, p. 125).

²³ Aplicativo de relacionamentos para *smartphone*.

QUANTOS SEGREDOS PODE HAVER EM UM COLÉGIO?

Um pouco depois que Marcus foi embora da sorveteria em que estavam, Zach Dempsem sentou-se com Hannah. Tentou ajudá-la, mas, devido ao seu estado de choque, a garota não correspondeu como Zach esperava. Ele se sentiu ignorado.

O colégio tinha uma disciplina chamada “Comunicação entre jovens”. Hannah, abalada pelos últimos acontecimentos tinha essa aula como um refúgio, um porto seguro na escola (ASHER, 2009, p. 133). Em dada ocasião, a professora da disciplina entregou um pequeno saco para cada aluno, onde pudessem colocar bilhetes de incentivo, com mensagens motivadoras uns aos outros, ou mesmo mensagens de desabafo. A estratégia de bilhetes anônimos servia, principalmente, para que, aqueles que tivessem vergonha de dizer algo pessoalmente, pudessem se expressar.

É comum qualquer pessoa ficar constrangida em relação a certos assuntos. Mas algo que corrobora para o silenciamento de determinadas manifestações é a dificuldade para se ter diálogos francos sobre assuntos como sexo, drogas e suicídio. No Brasil, tais temas fazem parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), na categoria de conteúdos transversais. Ou seja, tais temáticas devem ser discutidas nas aulas, de acordo com a demanda dos alunos. Mesmo assim esses tópicos são proibidos, muitas vezes, sutilmente, de maneira velada. Às vezes não se chega a exigir total exclusão dos temas citados. Mas limitam a possibilidade dos discursos, fazendo com que sejam discutidos apenas por meio de eufemismos. Existe um gatilho que causa muitos estragos, mas não faz barulho – o silêncio.

Muitos pais e responsáveis por adolescentes não têm conversas satisfatórias sobre assuntos considerados “polêmicos”. Muitas vezes, por causa de discursos religiosos castradores. A simulação de pureza é uma máscara para esconder as atitudes contraditórias, por exemplo, os vários acessos ao *xvideos*²⁴. Inclusive para contemplar a exibição de sexo violento, contradizendo a proibição de dialogar sobre sexo. Ou sobre suicídio, que é um assunto “violento demais para adolescentes.” Irônico que por trás desta máscara esteja o gozo diante do espetáculo do “proibido”.

Além do medo de que as filhas (principalmente elas) e filhos se tornem tão “perversos” quanto os pais, existe outro fator: a ilusão de que sua prole sempre é mais inocente do que o resto dos adolescentes de todo o Universo. Há um autoengano mais ou menos

²⁴ Embora a maioria dos leitores saibam o que é *xvideos* (inclusive educadores e pais conservadores), explico do que se trata: este é um *site* gratuito de pornografia, onde estão disponíveis milhares de vídeos.

proposital. Cria-se um multiverso²⁵ extremamente utópico onde os adolescentes e jovens fazem tudo dentro das normas. Afinal cada responsável fornece a melhor educação que existe. Mas como todos os pais e responsáveis são *os melhores educadores de todos os tempos*, o título de melhor educador do mundo deve ir, ao mesmo tempo, para bilhões de pessoas. Os adultos (inclusive o autor deste artigo), muitas vezes, esquecem que já foram adolescentes. Ou fingem que esquecem. Desta forma, quando o filho comete um erro, agem como se fosse a maior tragédia que já existiu.

Bullying. Drogas. Autoimagem. Relacionamentos. Todo assunto era válido na comunicação entre jovens. Algo que, obviamente, incomodava muitos dos outros professores. Era uma perda de tempo, diziam. Eles queriam nos ensinar os fatos nus e crus. Eles compreendiam fatos nus e crus [...] eles queriam nos ensinar o significado de X em relação a Y em vez de nos ajudar a entender a nós mesmos e aos outros (ASHER, 2009, p. 134).

Percebe-se aqui um problema recorrente nas escolas: a priorização exagerada dos aspectos técnicos e científicos. Questões socioemocionais são postas num lugar inferior do processo de ensino-aprendizagem.

Hannah aproveitou a liberdade incomum da disciplina “Comunicação entre jovens” para contar o que estava sentindo. Ela deixou um bilhete dizendo que pensava em suicídio. Foi um pedido de socorro anônimo. E, como constantemente acontece no ambiente escolar, a mensagem foi subestimada. Houve quem dissesse que, se o/a aluno/a de fato quisesse ajuda, teria se identificado no bilhete.

Por várias vezes pedidos de socorro são levados a sério apenas quando a desgraça já aconteceu. Só então a comoção é expressa, mas por meio de homenagens de luto. No dia a dia há uma desvalorização da dor do próximo, como disse Edilson Reis (2017): “Toda dor é suportável quando não é em mim.”

ALMA SOZINHA

Hannah escreve poemas como uma forma de terapia para sua angústia, intensificada após os acontecimentos narrados. Ryan Shaver, responsável pelo jornal da escola²⁶, faz parte do mesmo grupo de poetas que a garota frequentava. Após se aproximarem por suas afinidades artísticas, os dois trocam seus cadernos, para que possam ler os poemas um do outro. Sem que

²⁵ O conceito de “Multiverso” foi cunhado pelo físico Stephen Hawking. Diz respeito à possibilidade de existirem vários universos além deste onde moramos (HAWKING e HERTOOG, 2018).

²⁶ Neste jornal semestral, Ryan publicava textos e imagens referentes a atividades e acontecimentos da escola.

Hannah soubesse, Ryan publica um de seus poemas, chamado *Alma sozinha*, no jornal da escola. Alguns professores se interessam pela publicação e começam a discuti-la nas aulas.

Não havia no poema nenhum tipo de revelação que, geralmente, é considerada constrangedora. Mas a autora queria manter sigilo. O problema, nesse caso, não foi a exposição do conteúdo em si. Mas a sensação de violação causada pela divulgação inesperada e não consentida. Hannah se sente invadida e traída. Aquilo que ela considerava íntimo se torna um assunto comentado por toda a escola.

Esse acontecimento pode servir, como ponto de partida, para tratar as consequências decorrentes de exposições de conteúdos ainda mais sigilosos. Por exemplo, quando alguém expõe os nudes²⁷ que recebeu da namorada. Tanto pelas redes sociais quanto por outros meios, esse tipo de atitude pode gerar um constrangimento perpétuo, fragilizando a pessoa que se torna alvo de comentários impiedosos. Constantemente temos notícias, principalmente de meninas, que se matam para fugir das consequências da exposição de sua privacidade.

TUDO QUE A GENTE POSSUI... É O AGORA

Hannah Baker era interessada em conhecer melhor Clay Jensen. Ele também queria se aproximar dela. Mas os dois tinham medo de tomar a iniciativa. Chegaram a trabalhar juntos num cinema. Mas o medo os sufocou mais do que a cabine minúscula na qual trabalhavam.

Em uma festa, com o pessoal da escola, encontraram o momento adequado para aprofundar o relacionamento. Clay era tão agradável quanto Hannah pensava. E ele teve a mesma sensação em relação a ela. Conversaram por bastante tempo. Foram pra um quarto e começaram a se beijar. Quando as carícias se intensificaram, Hannah começou a visualizar em sua mente o que outros garotos fizeram com ela. Então gritou para que ele se afastasse. A seu pedido, Clay foi embora.

Depois desse acontecimento as únicas palavras que trocaram foi um “sinto muito”, após se esbarrarem pelos corredores do colégio. Segundo a gravação da garota, ele é o único nas fitas que não tem “culpa” pelo suicídio. Mesmo assim o menino se lamenta por não perceber antes que ela queria se aproximar. Lamenta por não ajudá-la em seus momentos mais difíceis. Vemos a clássica reflexão que, infelizmente, toma conta da consciência somente quando não há mais nada a fazer: “Tudo que a gente possui...é o agora” (ASHER, 2009, p. 176).

²⁷ Fotos onde as pessoas aparecem nuas.

ESTUPRO, ABANDONO E CULPA

Após Clay ir embora, Jessica e Justin entram no quarto onde Hannah estava. Ela se esconde, esperando uma oportunidade para sair sem ser vista. Mas a oportunidade não chega. Jessica estava bêbada quando Justin começou a beijá-la, por este motivo ele não persistiu na relação. Decide não ir adiante. A cobre e sai do quarto. Bryce Walker entra e estupra Jessica. E isso acontece com a Hannah escondida e Justin na porta, se omitindo enquanto a garota era molestada.

Hannah percebeu que estava um pouco bêbada. Junto a sua embriaguez estava o mal estar de ter testemunhado um estupro. Devido a seu estado, uma líder de torcida chamada Jenny Kurtz oferece carona e ela aceita.

Inicialmente, estar sentada no banco do carro da Jenny, junto a chuva suave que caía, foi um momento de conforto, de alívio diante dos acontecimentos anteriores. Não demorou muito para que a situação mudasse drasticamente. Em um cruzamento, havia uma placa de “Pare” improvisada, mal feita, amarrada a um poste de madeira. A motorista se distraiu, sendo o suficiente para que batesse na placa e a derrubasse. Apesar da insistência da Hannah, para que chamassem a polícia e consertassem o acidente, Jenny ficou com medo das consequências de seu erro e não atendeu ao pedido da garota. Ao contrário, ficou irritada e a expulsou de seu carro, mesmo com a chuva caindo.

As coisas pioraram com um segundo acidente que ocorreu naquela mesma noite. Um motorista cruzou a rua que deveria estar com a placa de “Pare”. Mas a placa estava caída. Ele passou direto e atropelou um estudante que atravessava a rua. O garoto morreu.

Aqui temos mais um episódio de intensificação do desejo suicida. Hannah se sentiu abandonada por Jenny. E, como se não bastasse a sensação de abandono, ainda teve de lidar com a culpa. Se sentia culpada por não ter impedido o estupro de Jessica e a morte de uma pessoa. A sensação de culpa é uma das piores torturas. Ainda mais quando se trata de acontecimentos irreversíveis. Como se já não bastasse a culpa que o indivíduo lança sobre si mesmo, muita gente ao redor, facilmente, termina de esmagar a pessoa com suas veementes condenações.

Geralmente, quando acontece algo ruim, a tendência humana é procurar um bode expiatório²⁸. Muito facilmente alguém pode se tornar objeto de ódio por parte de pessoas com

²⁸ Determinado grupo de pessoas elege um indivíduo sobre o qual lançam toda a culpa pela maldição presente em seu meio. Como nos mitos e rituais religiosos, o sacrifício desse indivíduo causa a expiação (purificação) do grupo (GIRARD, 2004).

quem convive. Se você entrar numa escola, com dezenas de olhos te fuzilando, poderá sentir todos os dias a dor dos tiros te atravessando. *Se todos estão me fuzilando, por que não participo disso também e atiro em mim mesmo?* As acusações daqueles que, geralmente, pensam ter um senso de julgamento perfeito, transformam-se em um instrumento de automutilação. Há uma contradição em relação à facilidade de exigir que os outros lidem com as consequências de seus atos. Quando fazemos algo que gera coisas ruins, temos a tendência de fugir da responsabilidade.

No caso de adolescentes, muitas vezes, a fuga da responsabilização está ligada ao medo dos pais. Isso pode ser descrito em mais uma fala da protagonista. Numa noite terrível, de estupro e morte, ela tenta esconder o assombro antes de chegar em casa. “Se meus pais me pegassem entrando de fininho com lágrimas nos olhos, fariam perguntas demais. Perguntas impossíveis de serem respondidas” (ASHER, 2009, p. 2014 – 2015).

BRYCE ESTUPRA HANNAH

Em uma festa na casa de Courtney, Bryce estava na banheira quando Hannah chega e entra. No começo ela se sentia relaxada ali dentro, até que ele começa a tocá-la, aumentando a intensidade gradativamente, até invadir, violentamente, seu corpo. Trata-se aqui de um estupro praticado por um adolescente e sofrido por uma adolescente. Em muitos casos isso não acontece tão descaradamente. Muitas vezes o namorado estupra a namorada, obrigando-a a transar sem que ela queira. Além disso, crianças e adolescentes são as pessoas que mais sofrem estupro (SANTOS, 2018).

Esse tipo de violência certamente é, para muitas, o mais traumático de todos. A culpabilização da vítima, que já foi citada, a empurra ainda mais para o abismo. Outra prática nociva é a ideia de que a garota tem de lutar fisicamente para que sua recusa ao ato sexual seja legitimada (SOMMACAL e TAGLIARI, 2017). Hannah já estava em pedaços e não teve forças para agir fisicamente. Mas era evidente que se sentia violentada: “Bryce, você deve ter visto eu cerrar os maxilares. Você deve ter visto minhas lágrimas. Será que esse tipo de merda te dá tesão?” (ASHER, 2009, p. 225).

A ESCOLA É MEU PIOR PESADELO

Hannah faz uma última tentativa de pedir ajuda. Ela vai até a sala do Sr. Porter, seu Orientador. Tenta dizer o que estava sentindo, mas não consegue ser direta. Ao ver que a garota falava coisas, aparentemente, vagas, Sr. Porter tenta lhe fazer perguntas, para incentivá-la a ser

mais específica. Por alguns minutos ela não dá detalhes dos acontecimentos e das pessoas envolvidas.

Quando o Sr. Porter pergunta o que a escola representava a ela, sua resposta foi: "Apenas um lugar cheio de pessoas com quem sou obrigada a conviver" (ASHER, 2009, p. 232-233). Infelizmente essa afirmação revela o que muitos estudantes pensam da escola. O ambiente que deveria ser acolhedor, em muitíssimos casos, se torna um lugar de opressão e desconforto, do qual os estudantes querem se livrar o mais rápido possível.

Hannah diz que se sente vazia, que perdeu o interesse por tudo e quer que sua vida acabe. O Orientador tenta trazer à tona os porquês de estar se sentindo assim. Ela fala de forma indireta sobre os boatos a seu respeito. Depois conta o que aconteceu na banheira com o Bryce, mas também de forma sutil, sem citar nomes, constrangida, naturalmente, ao falar sobre o estupro. A menina esperava pela ajuda de seu ouvinte. Mas, diante do medo apresentado pela adolescente em ter de confrontar seu estuprador, o Sr. Porter lhe propõe uma fuga ao problema.

- Eu acredito em você. Mas se não quer dar queixa e não quer confrontá-lo, você precisa considerar a possibilidade de seguir em frente, deixando isso para trás.

Deixar isso para trás?

- Ele é da sua classe, Hannah? Está no último ano.

- Então vai embora ano que vem.

- O senhor quer que eu deixe isso para trás [...] Obrigada, Sr. Porter." (ASHER, 2009, p. 236).

O Orientador propôs algo que, na verdade, não pode ocorrer plenamente. Mesmo que o garoto vá embora da escola, as lembranças e as feridas internas causadas pela violência continuarão atormentando a vítima. A última tentativa foi frustrada. Sr. Porter não conseguiu ajudá-la a fugir do suicídio. Hannah esbarrou em uma falta de sensibilidade e de empatia.

Como se não fosse tão difícil lidar com seu sofrimento. Essa subestimação da dor do outro é frequente. Não só em relação à violência sexual, mas também em relação a outros problemas, principalmente, quando se passam com adolescentes. Os adultos ainda são vistos como superiores e mais dignos de confiança nesse sentido. A desvalorização da dor e dos sentimentos dos adolescentes está atrelada a ideia de que são dramáticos. No final das contas não são tão humanos, não são considerados indivíduos, de fato. Aí está o último gatilho do livro – o desprezo de um adulto, um educador, diante da crise de uma adolescente.

CONCLUSÃO

É preciso enxergar os adolescentes como merecedores de nossa atenção e escuta. É preciso ter empatia. Os diálogos sobre temas “polêmicos” devem ser feitos abertamente. Se um

adolescente não tem a maturidade de um educador que está há décadas trabalhando na escola, também não pode ser tratado como uma criança que não tem nenhuma noção ou experiência de vida. Basta um pouco de memória para que os adultos se lembrem o quanto se sentiam subestimados na adolescência.

Quando houver, de fato, valorização do aspecto humano dos estudantes, haverá mais possibilidades para atividades de sensibilização. Com exemplos práticos na vivência empática, por parte dos educadores, pode-se ter credibilidade para elaborar discursos e diálogos sobre ajuda mútua. Diálogos e ações de prevenção do suicídio, mas também sobre ética e culturas de sensibilidade integrais, na convivência diária.

No dia 12 de setembro de 2019, na Câmara dos Deputados, foi aprovado o Projeto de Lei 3.688/2000 que, a partir da data em questão, estabelece o prazo de um ano para que as escolas públicas disponham de psicólogos e assistentes sociais. A maioria das escolas brasileiras, principalmente as públicas, não têm psicólogos (ARREGUY, 2014).

Apesar de, em 2011, ter sido aprovado o Projeto de Lei 838/2007, tornando obrigatória a presença do Orientador Educacional em todos os colégios públicos, a ausência desses educadores ainda ocorre na maior parte das escolas brasileiras (ALBUQUERQUE, HONORATO e PASCOAL, 2008)²⁹.

Os professores ficam sobrecarregados para lidar com os conteúdos das disciplinas e os aspectos socioemocionais de vários alunos. Os docentes devem sim trabalhar para além das limitações dos currículos. Mas ajudaria muito se o Estado trabalhasse permanentemente para melhorias na Educação. É necessário enxergar a Educação não como “despesa”, mas sim como investimento no ser humano. Os educadores, por sua vez, precisam ter como princípio o protagonismo dos adolescentes, ao invés de tentarem convencê-los a se encaixar nos padrões dominantes da sociedade.

Que a tendência natural de fuga da responsabilidade seja substituída. Que no lugar dela veja-se quais gatilhos aqui retratados nós mesmos acionamos. Que alunos, educadores e as demais pessoas que participam, direta ou indiretamente da Comunidade Escolar, tenham percepção sobre suas omissões diante da dor do outro.

²⁹ Sobre a presença dos Orientadores Educacionais, Psicólogos e Assistentes Sociais nas escolas brasileiras: os dados mais recentes encontrados são anteriores às datas de aprovação dos Projetos de Lei em pauta.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Fabiana Aparecida; HONORATO, Eliane Costa e PASCOAL, Miriam. O Orientador Educacional no Brasil. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 47, p. 101-120, jun. 2008.
- ANDRÉ, William. Sobre o Conceito de Suicídio. *Revista Estação Literária*, Londrina, v. 20, p. 154-174, mar. 2018.
- ARREGUY, Marília Etienne. Violência e ausência de psicólogos nas escolas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 229-252. 2014.
- ASHER, Jay. *Os 13 Porquês*. Tradução: José Augusto Lemos. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2009.
- _____. *Thirteen Reasons Why*. 1ª ed. USA: Razorbill, 2007.
- BELMIRO, Dalila Maria Musa *et. al.* Empoderamento ou Objetificação: Um estudo da imagem feminina construída pelas campanhas publicitárias das marcas de cerveja Devassa e Itaipava. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38, 2015, Rio de Janeiro. *Anais da Intercom*. Rio de Janeiro. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015 p. 1-15.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. Tradução: Nélcio Schneider. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2015.
- BRASIL. Projeto de Lei nº 3688, de 31 de outubro de 2000. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. *Câmara dos deputados*. Disponível em <<http://www.cfess.org.br/>>, Acesso em 5 de dezembro de 2019.
- _____. Projeto de Lei nº 838, de 25 de abril de 2007. Dispõe sobre a obrigatoriedade da presença do orientador educacional nas instituições públicas de educação básica. *Câmara dos Deputados*. Disponível em: <<https://www.camara.gov.br/>>, Acesso em 5 de dezembro de 2019.
- DILTHEY, Wilhelm. *Das Erlebins und die Dichtung: Lessing. Goethe. Novalis. Holderlin: Vier Alfsätze*. 2ª ed. Leipzig, 1907.
- FROMM, Erich. *Ter ou Ser?* Tradução: Nathanael C. Caixeiro. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- GABEL, M. *Crianças vítimas de abuso sexual*. Tradução: M.C.C. Gomes e S. Goldfeder. São Paulo: Summus Editorial, 1997.
- GIRARD, René. *O bode expiatório*. Tradução: Ivo Storniolo. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- HAWKING, Stephen and HERTOOG, Thomas. A Smooth Exit from Eternal Inflation? *Journal of High Energy Physics*, 27. Abril, 2018.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução: Maria Sá Cavalcante Schuback. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- UNG, Carl Gustav. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Tradução: Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MINISTÉRIO DA SAUDE, Secretaria de Vigilância em Saúde. *Perfil epidemiológico dos casos notificados de violência autoprovocada e óbitos por suicídio entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil, 2011 a 2018*. Boletim Epidemiológico, v. 50, n. 24, p. 1-14, set, 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/artigo-12-direito-a-privacidade/>> Acesso em 6 de dezembro de 2019.

_____. *Organização Mundial da Saúde*. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/>, Acesso em 3 de dezembro de 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>, Acesso em 4 de dezembro de 2019.

REIS, Edilson. Suicídio e Prevenção, 2017. Campo Grande. *Minicurso*. Campo Grande: Projeto NOVA, 2017.

SILVA, Aldo Luís Pedrosa. *Voyeurismo e Arte em Tecnologia: poéticas visuais no âmbito de uma 'sociedade escópia'*. 2014. 10 Artigo (Arte e Comunicação) – Uberaba, 2014.

SOMMACAL, Clariana Leal e TAGLIARI, Priscila de Azambuja. A cultura do estupro: o arcabouço da desigualdade, da tolerância à violência, da objetificação da mulher e da culpabilização da vítima. *Revista da EMESC*, Santa Catarina, v. 24, n. 30, p. 245-268. 2017.

*Enviado em: 22/03/2020.

*Aceito em: 30/06/2020.

REEDUC
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO